

VELOCIDADE DA ESCRITA DOS ALUNOS DO 1.º AO 12.º ANOS DE ESCOLARIDADE



Afonso Henrique Maça Sousa
 Profesor de Letras
 Grafoanalista Consultivo

Índice

Considerações iniciais.....	
Contexto populacional.....	
Método e objectivos	
Administração do teste.....	
Resultados observados.....	
Comparação com a escala de Gobineau e Perron	
Rapidez e lentidão na escrita – tabela e sinais	
Conclusão	
Projectos para o futuro	
Bibliografia.....	

Considerações iniciais

Robert Saudek (1880-1935), importante grafólogo checo, considera que a avaliação da rapidez da escrita é um dos principais meios para distinguir uma escrita natural de outra menos natural. Por isso, para este autor, uma das tarefas fundamentais da grafologia consiste em avaliar a velocidade da escrita. Os mesmos sinais gráficos duma escrita rápida ou lenta assumem significados diferentes. Devido à importância que atribuiu à velocidade da escrita, estabeleceu uma tabela com os parâmetros de rapidez e de lentidão.

J. Crépieux-Jamin (1859-1940), fundador da escola francesa de grafologia, concebe a escrita como movimento e inclui a velocidade entre os sete géneros da escrita. Ela revela a vitalidade motora e a rapidez de pensamento.

Max Pulver (1889-1952) apresenta vários sinais que permitem a distinção entre escrita veloz e lenta. Recorda que a direcção, a forma e a dimensão do traçado fazem variar a

velocidade e que todo o movimento da direita para a esquerda a retarda. Na escrita rápida, este autor vê uma tendência para extroversão.

Girolamo Moretti (1879-1973), notável figura da grafologia italiana, também analisa a velocidade da escrita e afirma que esta indica rapidez em todas as coisas e, portanto, tendência a amontoar e a prestar pouca atenção aos particulares.

Desde a mais tenra idade, a criança através das garatujas comunica, descarrega a agressividade, coordena movimentos, ganha autoconfiança e promove a criatividade.

A realização do acto gráfico implica e desenvolve capacidades motoras, visuais, espaciais, linguísticas, mnemónicas e a estabilidade emotiva.

Se a escrita pode ser definida como uma linguagem do inconsciente que espelha a personalidade do indivíduo, a velocidade com que é feita ajuda a determinar o grau de actividade e a rapidez de raciocínio do escrevente.

A análise das garatujas, dos desenhos e da escrita pode servir para traçar o percurso evolutivo do aluno, nas vertentes psicomotora, intelectual e emocional.

É muito importante que a criança escreva com facilidade, simplicidade e legibilidade, devendo ser-lhe ensinadas as posições correctas do corpo e dos membros, bem como as técnicas mais apropriadas para pegar no lápis ou esferográfica e para segurar o papel.

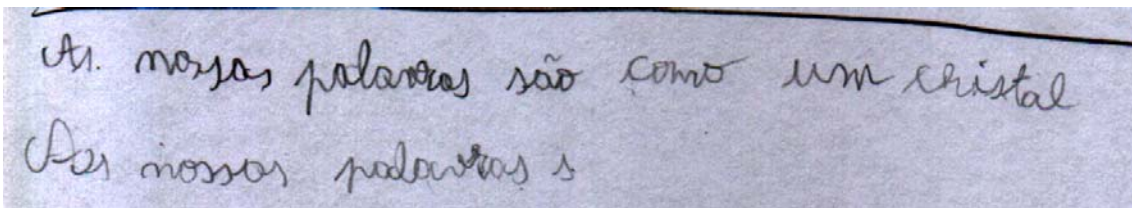


Figura A – 1.º ano, sexo masculino, 6,6 anos de idade, 49 letras por minuto à velocidade máxima

A escrita é uma actividade rica e com um elevado grau de complexidade, visto que nela intervém vários componentes do organismo como músculos, sistema nervoso e cérebro.

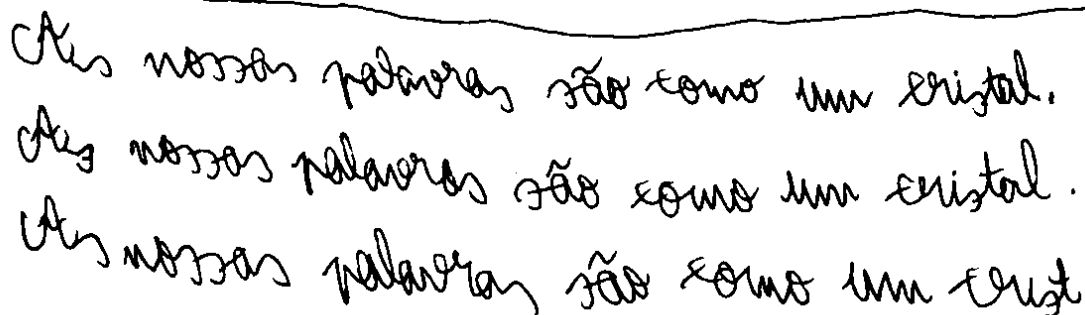


Figura B – 2.º ano, masculino, 7,6 anos de idade, 94 letras por minuto à velocidade máxima

Entre os seis e os dez anos de idade, ocorrem mudanças significativas na escrita dos alunos.

As nossas palavras são como um cristal
 As nossas palavras são como um cristal
 As nossas palavras são como um cristal
 As nossas palavras são como um cristal

Figura C – 3.º ano, masculino, 8,6 anos de idade, 102 letras à velocidade máxima

A análise da escrita não substitui, mas complementa e, juntamente, com outros instrumentos permitindo detectar potencialidades do aluno, possíveis *handcaps*, factores da instabilidade, dificuldades de relacionamento, nível de auto-estima ou de agressividade, descontrolo do desenvolvimento grafomotor. Ao mesmo tempo, respeitando as etapas do desenvolvimento da personalidade da criança, propõe e apresenta métodos de reeducação.

Em relação a outros testes de personalidade ou projectivos, o teste grafológico tem a vantagem de poder ser efectuado na ausência do escrevente, evitando, assim, situações de ansiedade.

As nossas palavras são como um cristal.
 As nossas palavras são como um cristal.
 As nossas palavras são como um cristal.
 As nossas

Figura D – 4.º ano, feminino, 10,6 anos de idade, 104 letras à velocidade máxima

Os distúrbios da escrita têm consequências negativas sobre a escolarização, sobre inserção na escola e na sociedade, sendo, em tais situações, necessária a sua reeducação. Estou convicto que as dificuldades disgráficas, tantas vezes associadas à dislexia, não desaparecem por si, mas unicamente mediante uma adequada intervenção.

As nossas palavras são como um cristal
 As nossas palavras são como um cristal
 As nossas palavras são como um cristal
 As nossas palavras são como um cristal

Figura E – 5.º ano, feminino, 11 anos de idade, 128 letras à velocidade máxima

Contexto populacional

O ambiente social onde foi realizada a maior parte dos testes é característico dos subúrbios das cidades de média dimensão, como é o caso do Porto.

O nível sócio-económico é diferenciado. A maior parte dos encarregados de educação trabalha nos serviços, indústria ou por conta própria. Existe algum desemprego, famílias carenciadas e apoios sociais. O nível educativo e escolar o aproveitamento é médio em relação ao país.

Uma parte dos testes foi realizada numa pequena escola do Ensino Básico numa vila do interior norte do país, num ambiente rural, em que a maior parte da população se dedica à agricultura.

Método e objectivos

Como se pressupõe pela bibliografia, baseio-me nas escolas europeias, optando por um método grafológico eclético, uma vez que não existe uma escola grafológica portuguesa.

Os principais objectivos deste projecto consistirão na recolha de dados e na criação duma escala grafomotora da velocidade da escrita das crianças e adolescentes portuguesas que frequentam os ensinos básico e secundário.

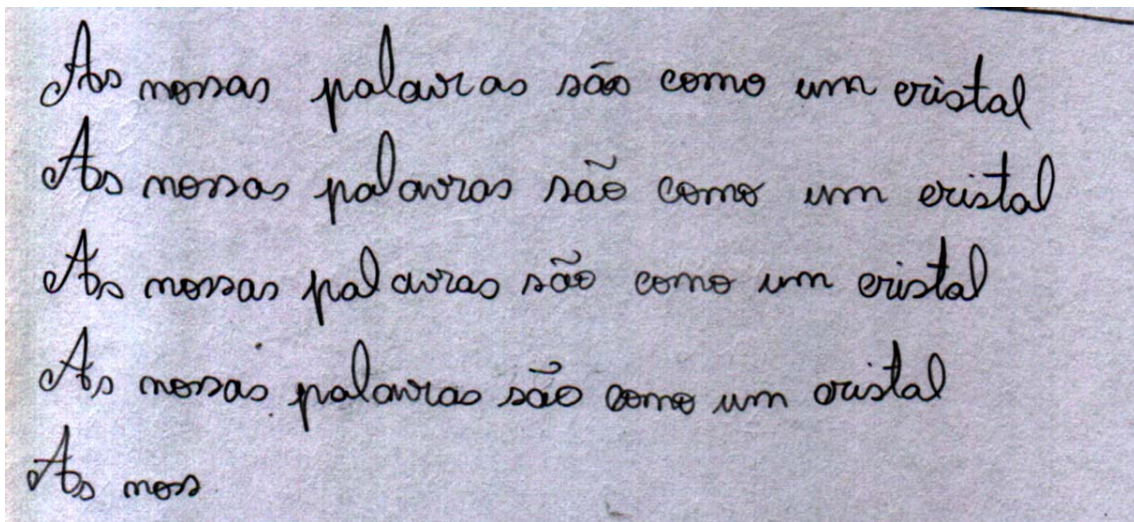


Figura F – 6.º ano, masculino, 12 anos de idade, 134 letras à velocidade máxima

A consciencialização das potencialidades individuais, fomentando a auto-estima em relação à própria escrita – condição favorável ao desenvolvimento da aprendizagem – foi outro objectivo deste trabalho.

Praticamente todos os alunos reagiram com o grande entusiasmo na realização do teste de escrita, muito diferente de tantos outros que estão habituados a fazer. E muitos interrogavam-se sobre o meu interesse pelas suas escritas, manifestando o

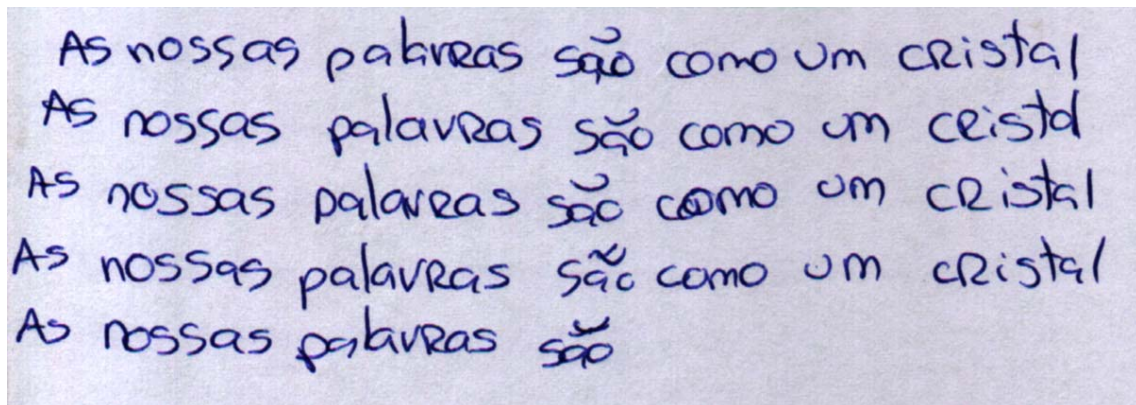
desejo de voltarem a realizar novo teste. Os docentes aderiram com entusiasmo, colaboraram na realização do teste e quiseram saber do resultado dos seus alunos.

As nossas palavras são como um cristal
 As nossas palavras são como um cristal.
 As nossas palavras são como um cristal.
 As nossas palavras são como um cristal.
 As nossas palavras -

Figura G – 7.º ano, feminino, 15 anos de idade, 128 letras à velocidade máxima

Tratou-se de construir uma frase-tipo e administrá-la a alguns milhares de alunos de diferentes níveis etários e de ensino, seguindo critérios idênticos.

A frase escolhida para o teste foi *As nossas palavras são como um cristal*, fácil de memorizar e extraída (e adaptada) dum belo poema do poeta português Eugénio de Andrade, em *Antologia Breve*, dedicado às palavras (*São como um cristal as palavras*). Alterei a ordem gramatical e sintáctica da frase (o sujeito aprecia no final do verso), passando o sujeito para o início da frase e acrescentando-lhe *As nossas*. Desta maneira tornei a frase um pouco mais extensa e os seus elementos continuam a caber numa linha manuscrita numa folha A4.



As nossas palavras são como um cristal
 As nossas palavras são como um cristal
 As nossas palavras são como um cristal
 As nossas palavras são como um cristal
 As nossas palavras são

Figura H – 8.º ano, feminino, 14,6 anos de idade, 147 letras à velocidade máxima

A frase ocupa cerca de uma linha, tem 32 letras. Considero-a representativa da literatura portuguesa porque tem palavras com várias dimensões, contém diversas vogais, a letra minúscula mais larga (m), duas hastes (l), uma perna (p) e consoantes como r e v que oferecem alguma dificuldade na aprendizagem. A presença da letra i, que exige a deslocação da esferográfica para colocar a pinta, e da letra t, com o traço obrigatório, torna esta frase ainda mais significativa. A frase contém uma única letra maiúscula no início (convinha que aparecesse pelo menos uma). A quantidade de espaços entre as palavras (seis) está numa proporção aceitável.

A dimensão das palavras não se afasta da média do vocabulário português. A frase contém 7 palavras e 32 letras, dando uma média de 4,7 letras por palavras. Num texto

digitalizado em língua portuguesa, com 30 906 palavras, escolhido ao acaso, contabilizei uma média de cerca de 5 letras por palavra.

A frase é composta por três palavras monossilábicas, três dissilábicas e uma trissilábica. As palavras com um maior número de sílabas não surgem com tanta frequência, especialmente, entre as crianças que também são alvo deste teste.

O ponto final entrará na contagem, visto que os sinais de pontuação na língua portuguesa são utilizados numa percentagem igual ou superior à verificada na frase.

Se, em vez desta frase, tivesse sido escolhido um texto mais longo em que o aluno, durante um minuto, não repetisse praticamente nenhuma palavra seria mais representativo da língua portuguesa, mas também teria outras desvantagens: nem todos os alunos chegariam ao mesmo ponto do texto e seria necessário ser copiado ou ditado por impossibilidade de memorização. E, enquanto os alunos olhavam ou ouviam, o nível de velocidade baixava.

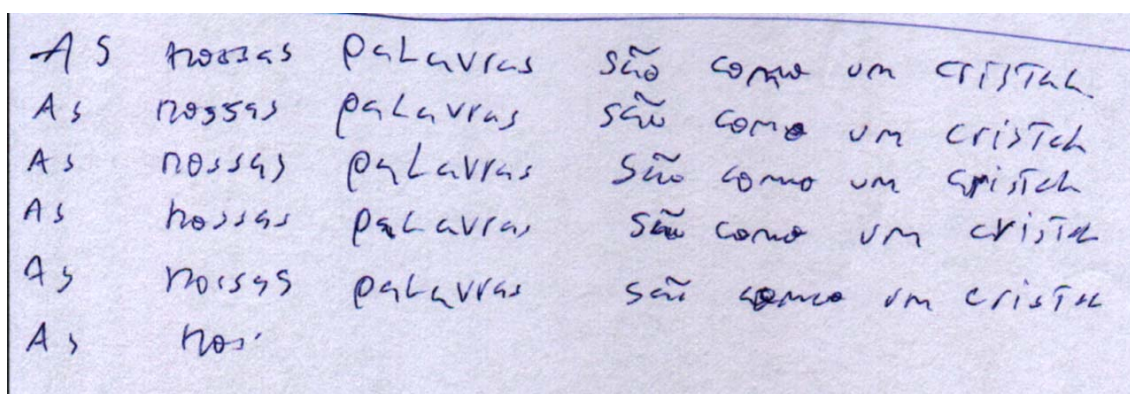


Figura I – 9.º ano, masculino, 15 anos de idade, 165 letras à velocidade máxima

Os testes são administrados, com critérios idênticos, nos anos lectivos de 2005/2006, 2006/2007 e 2007/2008, aos alunos do 1.º ciclo da escola da Costa, do 2.º e do 3.º ciclos da escola de S. Lourenço, Ermesinde, no Grande Porto e a alunos dos 10.º, 11.º e 12.º anos de escolaridade da Escola Secundária da mesma cidade.

Em Março de 2010 realizei mais 80 testes numa escola do interior do país, em Torre D. Chama, Mirandela, que ainda não estão contabilizados neste estudo. A média de velocidade conseguida nesta escola entre os alunos do 1º ao 4º ano de escolaridade foi semelhante à dos alunos da escola de Ermesinde (no Grande Porto), apesar duma ligeira baixa, atribuída ao facto de o teste ter sido administrado no 2º período lectivo. Os alunos que mais baixaram a média de letras por minuto foram os do 1º ano, uma vez que a aprendizagem de todas as letras do alfabeto ainda não tinha tempo de estar devidamente consolidada. Quando tiver nova oportunidade, realizarei outros testes na mesma escola do interior, porém, mais próximo do final do ano lectivo, à semelhança do que aconteceu nas escolas de Ermesinde.

Os testes são realizados em condições semelhantes para todos os alunos, evitando situações de cansaço ou stress, optando por condições ambientais e atmosféricas normais. Algumas crianças ansiosas perante a tarefa de escrever velozmente poderão agitar-se e ocasionarem uma diminuição a velocidade, em vez de aumentá-la, quando se lhes pede que escrevam à máxima velocidade.

As instruções e as orientações serão iguais para com todos os alunos testados, sendo mais explícitas e pormenorizadas para aqueles que frequentem o 1.º ciclo (1.º, 2.º, 3.º e 4.º anos de escolaridade).

As crianças com 6 anos de idade não figurarão na escala, porque com esta idade ainda não deram todas as letras do alfabeto. Constarão da escala aquelas que tiverem pelos menos 6,6 (seis anos e seis meses) e que frequentem o 1.º ano de escolaridade.

Administração do teste

Depois de previamente ter combinado com os professores, dirigi-me às salas de aula e distribuí uma folha A4 branca, sem linhas a cada aluno. Disse-lhes que iam realizar um teste diferente dos outros que costumavam fazer: curto, rápido e não conta para avaliação. Deste modo, procurei despertar o seu interesse e eliminar algum stress.

Escrevi a já referida frase no quadro e todos os alunos a passaram para a folha que eu lhes tinha distribuído, a fim de se familiarizarem com o enunciado e não terem necessidade de perder tempo a olhar para o quadro, principalmente nos primeiros anos de escolaridade.

Lembrei-lhes que poderiam utilizar o instrumento de escrita que preferissem, com o que melhor se ajeitassem e da cor que quisessem. No 1.º ano de escolaridade todos optaram pelo lápis. Nos restantes anos, a grande maioria escolheu a esferográfica azul, alguns a esferográfica preta e muito poucos escolheram outras cores, como a verde e a roxa.

Pedi-lhes que, numa primeira fase, durante um minuto, escrevessem a frase *As nossas palavras são como um cristal*, à velocidade normal, tal como costumavam escrever durante as aulas, quando passavam apontamentos do quadro para o Caderno Diário. Disse-lhes que nesta primeira fase do teste, escrita normal, a preocupação principal deveria ser a qualidade da letra e não a rapidez.

Cronometrei com precisão sessenta segundos. Avisei-os que, apenas lhes fizesse sinal de começar, todos deveriam começar a escrever e que, quando lhes dissesse para terminar, todos terminariam e nem mais uma letra poderiam escrever. Na observação do cumprimento destas regras era ajudado pelo professor que estava leccionar na altura da administração do teste.

Ao iniciar a contagem do minuto já todos deveriam ter a esferográfica na mão com a ponta assente na folha e, no final, mal eu desse sinal para terminar, deveriam pousar imediatamente a caneta.

Esta primeira fase do teste tem por objectivo a verificação da capacidade de aceleração, comparando a quantidade de letras feitas à velocidade normal com as realizadas à velocidade máxima. Entre estas duas fases do teste (a primeira à velocidade normal e a segunda à velocidade máxima) descansaram três minutos, para que relaxassem os músculos, antes de iniciarem a prova de rapidez. Terminada a primeira fase, fizeram um traço horizontal na folha, a fim de separarem uma fase da outra.

O teste da escrita cuidada é administrado antes do teste de rapidez, porque o aluno ainda estará calmo interior e exteriormente e, encontrando-se menos cansado, poderá acelerar ao máximo na etapa seguinte.

Relembrei-lhes que iriam escrever de novo a mesma fase o maior número de vezes que conseguissem e o mais rapidamente possível. Disse-lhes, ainda, que não fizessem emendas nem rasuras para não perderem tempo e que todas as letras deveriam ser legíveis, caso contrário seriam descontadas. Enquanto os alunos estavam a fazer o teste, eu ia assinalando os que escreviam com a mão esquerda. Sobre os esquerdinos poderei fazer mais tarde outro tipo de pesquisa. Cada turma de 20 alunos, apresenta dois ou três esquerdinos, com predominância do sexo masculino.

Resultados observados

Terminado o tempo estabelecido, sempre como apoio do professor da disciplina que estava a ser leccionada, recolhi os testes, depois de os alunos colocarem no fundo da folha o seu nome, para distinguir o sexo, e a data de nascimento, para posterior elaboração da tabela por sexos, por anos de escolaridade e por idades (de seis em seis meses).

Tomei nota da mão utilizada (esquerdinos ou destros), da data de nascimento, do sexo (colocando o nome), do nome do professor, da turma, da escola, da data da realização do teste e de outras ocorrências mais significativas.

Como a população testada não completava exactamente a idade do ano ou de meio ano dia em que realizaram o teste (a escala é de 6 em 6 meses), arredondei as datas de nascimento três meses para cima ou para baixo, por não se manifestar pertinente elaborar uma escala inferior a meio ano. Exemplificando: se um aluno, à data da realização do teste, tivesse 6 anos e 2 meses, atribuí-a-lhe a idade de 6 anos; se tivesse 6 anos e 4 meses já lhe atribuí a idade de 6 anos e meio; se, porém, tivesse 6 e 9 meses arredondava, ainda, por defeito para 6 anos e meio; todavia, se o aluno tivesse 6 anos e 10 meses, já lhe atribuí a idade de 7 anos.

Contei, de igual modo, o número de letras que cada escrevente conseguiu realizar durante um minuto, à velocidade normal (escrita cuidada), num primeiro momento e à velocidade máxima, num segundo momento. Mas deste trabalho constam apenas as escritas feitas à velocidade máxima.

Idades	Meninas			Idades	Rapazes		
	Testes	Média	Total		Testes	Média	Total
6	0	0	0	6	0	0	0
6,6	13	44,3	576	6,6	26	43	1117
7	31	49,4	1532	7	39	48,1	1875
7,6	38	74,4	2828	7,6	51	66,4	3386
8	49	84,9	4160	8	58	84,3	4892
8,6	54	96,1	5187	8,6	54	92,6	5002
9	60	100	6901	9	64	98,3	6288
9,6	56	108,4	5853	9,6	68	100,7	6850
10	94	114,9	11945	10	113	113,6	12835
10,6	76	121,6	9243	10,6	70	115,7	8097
11	50	122	6100	11	57	119,5	6809
11,6	53	124,8	6617	11,6	59	123,6	7291
12	53	129,4	6708	12	74	129,1	9552
12,6	41	136,5	5595	12,6	42	140	5881
13	57	143,9	8205	13	46	140,6	6467
13,6	62	145,5	9024	13,6	58	145,7	8449
14	55	150,5	8266	14	52	151,2	7862
14,6	56	152,9	8560	14,6	40	160	6400
15	40	156,2	6065	15	41	161,7	6629
15,6	50	162,1	8124	15,6	35	165,1	5780
16	32	160,4	5132	16	27	165,4	4465
16,6	25	161,3	4033	16,6	21	177,5	3728
17	26	160,5	4174	17	15	174	2610
17,6	17	168,2	2860	17,6	22	166,3	3658
18	16	171,4	2742	18	15	180,1	2702
Total	1104		140430	Total	1147		138625
<i>Escola A</i>				<i>Escola B</i>			

Escalas A e B de velocidade por idades

Na 1.^a coluna das Escalas **A**, **B**, **C** e **D**, constam as idades ou os anos de escolaridade, na 2.^a coluna encontra-se o número de testes realizados, na 3.^a coluna aparecem as médias conseguidas, na 4.^a está registada a totalidade das letras contabilizadas por cada idade e por cada ano de escolaridade.

Escola A – meninas, por idades

A Escala **A** apresenta as médias de letras feitas nas diferentes idades pelas meninas, por minuto, à máxima velocidade arredondada às décimas.

As meninas de 6,6 anos conseguiram uma média de 44,3 letras por minuto e as de 18 anos, a média de 171. Verificou-se uma evolução contínua ao longo dos vários escalões etários.

Os escalões dos 10,6 e 11 anos apresentam uma média igual, mas tal facto não se verificaria se os escalões fossem estruturados pela unidade ano em vez de meio ano.

Entre os 16 e 17 anos há uma ligeira alteração da linha evolutiva, talvez devido ao pequeno número de alunas testadas.

A quantidade de testes realizados com meninas foi de 1104 e o número total de caracteres contabilizados foi de 140430.

Escala B – rapazes, por idades

A Escala **B** apresenta as médias de letras feitas nas diferentes idades pelos rapazes, por minuto, à máxima velocidade, arredondada às décimas.

Os rapazes de 6,6 anos conseguiram uma média de 43 letras por minuto, inferior em 1,3 em relação à das meninas. Aos 18 anos, os rapazes atingem uma média de 180,1 letras, superior à das meninas em 9,1 letras por minuto. Verificou-se igualmente uma evolução contínua ao longo dos vários escalões etários, variando apenas nos escalões dos 16,6 (demasiado elevado), 17 e 17,6, talvez por causa do reduzido número da população testada.

O número de testes realizados foi de 1147 e a quantia total de caracteres contabilizados fez 138625.

Anos	Meninas			Anos	Rapazes		
	Testes	Média	Total		Testes	Média	Total
1ºano	61	50,1	3058	1º ano	88	47,3	4162
2º ano	75	80,8	6058	2º ano	103	79,2	8156
3ºano	139	99,7	13852	3ºano	140	96,1	13017
4º ano	126	112,5	14177	4º ano	168	110	18475
5ºano	177	121,6	21531	5ºano	170	118,3	20114
6ºano	115	128,3	14759	6ºano	133	128,1	17036
7ºano	182	148	26927	7ºano	134	148,7	19931
8ºano	120	148,2	17778	8ºano	85	163	13855
9ºano	73	157,6	11505	9ºano	84	163,9	13765
10ºano	45	176,6	7946	10ºano	24	173,5	4163
11ºano	37	167,3	6191	11ºano	23	181,3	4171
12ºano	18	179,7	3235	12ºano	14	188,8	2643
Total	1168		147017	Total	1166		139488
	<i>Escala C</i>				<i>Escala D</i>		

Escalas C e D de velocidade por anos de escolaridade

Escala C – meninas, por anos de escolaridade

A Escala **C** apresenta as médias de letras, arredondadas às décimas, feitas pelas meninas desde o 1.º ao 12.º ano de escolaridade, por minuto, à velocidade máxima.

As meninas do 1.º ano de escolaridade conseguiram uma média de 50,1 letras por minuto e as do 12.º ano, uma média de 180. Verificou-se uma evolução contínua ao longo dos vários anos, com um pico no 10.º ano (ver gráfico 1).

O número de testes realizados com as meninas foi 1168 e os caracteres contabilizados atingiram a quantidade de 147017.

Escala D – rapazes, por anos de escolaridade

A Escala **D** põe em evidência as médias de letras, arredondadas às décimas, feitas pelos rapazes desde o 1.º ao 12.º ano de escolaridade, por minuto, à máxima velocidade.

Os rapazes do 1.º ano de escolaridade conseguiram uma média de 47,3 letras por minuto (inferior à das meninas do mesmo ano) e os do 12.º ano, uma média de 188,6 (superior à das meninas do mesmo ano). Constatou-se sempre uma evolução contínua ao longo dos vários anos, mais acentuada no 7.º ano.

O número de testes realizados com os rapazes foi 1166 e a quantidade de caracteres registados foi de 139488.

As Escalas **A** e **B** por idades apresentam um número mais baixo de testes realizados por cada escalão do que as Escalas **C** e **D** por anos de escolaridade, porque alguns alunos testados não registaram a idade, devido ao desconhecimento da data de nascimento (os mais pequeninos) ou devido ao esquecimento (os mais adiantados). Assim sendo, eu sabia o ano a que tais alunos pertenciam, mas desconhecia o escalão etário onde incluí-los.

De modo geral, sobressai uma evolução contínua na velocidade da escrita, mais acentuada na passagem do 1.º para o 2.º ano, do 6.º para o 7.º ano e do 9.º para o 10.º ano. A evolução é maior de ano para ano de escolaridade do que por idades, mas haveria uma evolução semelhante se, em vez ter tomado por unidade o meio ano (6 meses), tivesse tomado o ano (12 meses).

Se observarmos as Escalas **A** e **B** por idades, podemos comprovar que as meninas são sempre mais rápidas que os rapazes até à idade dos 12 anos e a partir desta idade são os rapazes que passam a ultrapassá-las. Idênticas conclusões conseguiremos extrair da leitura das Escalas **C** e **D** por anos de escolaridade, em que as meninas superam sempre os rapazes até ao 6.º ano de escolaridade e a partir desta idade é o sexo masculino que consegue ser mais rápido, mesmo na idade adulta, em que também fiz algumas dezenas de testes.

Os Gráficos **1** e **2** apresentam a linha da evolução da escrita, por anos de escolaridade, respectivamente, das meninas e dos rapazes, mais suave nestes, com um pico naquelas.



Gráfico 1 – Evolução da escrita das meninas

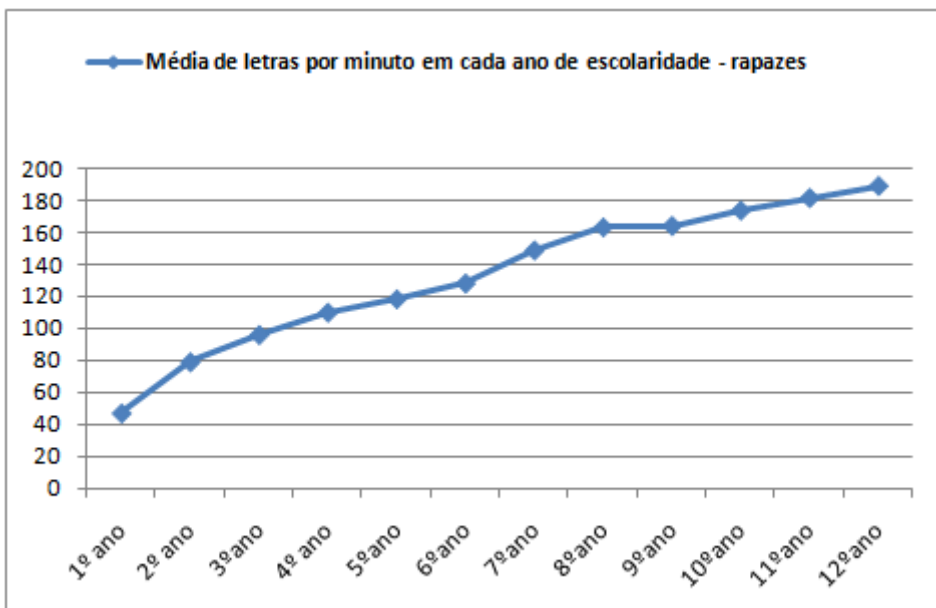


Gráfico 2 – Evolução da escrita dos rapazes

À partida, eu esperava que, à velocidade máxima, os alunos fizessem mais letras do que à velocidade normal, mas houve alguns casos em que tal não aconteceu. Um ou outro aluno ainda fez menos letras quando lhe pedi que escrevesse o mais depressa possível, devido, suponho, à reacção inibitória por excessos de nervosismo ou stress. Noutros casos, observei que a quantidade de letras no teste de velocidade máxima foi inferior ao teste da escrita cuidada, porque as letras foram feitas numa dimensão maior. Porém, só um estudo individualizado poderia esclarecer melhor estas divergências. Suponho que estes casos isolados não irão prejudicar a validade da escala construída.

Durante a administração do teste, os alunos cumpriram regularmente as normas indicadas. Alguns, especialmente os mais pequeninos, cumpriram-nas com tanto rigor que até deixaram a última letra que fizeram por completar, mal lhes fiz sinal para terminar. Num ou noutro caso, principalmente entre os de idade mais avançada, houve a tentativa de começarem a escrever antes do início da contagem do minuto ou de continuarem a escrever depois. Aos alunos que assim procederam foram anuladas as provas ou descontadas a letras que fizeram fora de prazo.

Nalgumas turmas repeti o teste alguns meses depois ou no ano seguinte, tendo verificado que os resultados foram semelhantes aos dos outros alunos testados e com as mesmas idades. Por isso, concluí que não era necessário fazer testes aos mesmos alunos ao longo de vários anos de escolaridade para construir uma escala fidedigna e representativa. Poderia testar os alunos dos vários anos ou idades na mesma data.

A fim de verificar se a repetição do teste de velocidade tinha alguma influência no resultado (se aumentava ou diminuía o número de palavras por minuto), com alguns alunos, repeti o teste duas ou três vezes, com pequenos intervalos de tempo. O resultado foi sempre mais ou menos semelhante: à medida que o aluno fazia novo teste aumentava ligeiramente a quantidade de letras, devido à maior automatização do ritmo da escrita. Mas constatei que havia um limiar, ou seja, a quantidade de letras escritas, a partir da quarta ou quinta vez, deixava de crescer. E tive alguns casos em que fizeram até menos letras, devido também ao factor cansaço.

Confirmei que uma maior prática e os exercícios aumentam da velocidade da escrita. Com tal objectivo, apliquei o teste a dois alunos em Junho, quando o ano lectivo está a chegar ao fim e a actividade da escrita é maior. Voltei a aplicá-lo aos mesmos alunos, no final das férias, em Setembro (nos meses de férias escreve-se menos), quando os alunos perderam parte do treino da escrita. Resultado: a quantidade de letras por minuto diminuiu em ambos os alunos. Uma menina do 3.º ano de escolaridade reduziu de 118 para 114 as letras por minuto e um menino do 4.º ano baixou de 108 para 104 letras. Aqui o facto treino predominou sobre o factor tempo.

Observando os testes, deparei com determinadas escritas claras, cuidadas e organizadas e com outras mal estruturadas, talvez reveladoras de problemas variados.

Detectei casos de disgrafia (perturbação de tipo funcional que afecta a qualidade da escrita, no traçado de letras, de palavras, de algarismos e doutros sinais) e de disortografia (perturbação na produção escrita, devido à presença de muitos erros ortográficos), tanto nos primeiros anos de escolaridade como nos mais avançados.

Verifiquei que há dezenas e dezenas de esquadros e que alguns escrevem de modo lento, desconfortável e confuso, por não utilizarem os melhores métodos de escrita e as posições mais adequadas do papel, do braço, do pulso e dos instrumentos de escrita.

Pude também constatar que a idade tem uma grande influência na velocidade da escrita, visto que alguns alunos repetentes, por causa do insucesso escolar, mas mais velhos dois ou três anos, conseguiram fazer um maior número de letras que os colegas mais novos, apesar de frequentarem o mesmo ano de escolaridade.

Constatei que a diferença entre o número de letras escritas por minuto à velocidade normal (escrita cuidada) e à velocidade máxima é menor nos primeiros anos de escolaridade e vai-se acentuando na adolescência.

Os alunos com 6 anos e meio e 7 anos conseguiram fazer mais letras, quando lhes pedi que escrevessem mais depressa do que quando escreviam à velocidade normal.

Verifiquei que o grau de velocidade aumenta desde o 1º ao 12º ano de escolaridade, altura em que os alunos têm cerca de 18 anos de idade.

A idade, as habilitações escolares e a exercitação são os três grandes factores que influenciam a velocidade.

Em testes que realizei junto de professores e de estudantes universitários, confirmei que a rapidez era semelhante ou superior à dos alunos do 12º ano. Os adultos do sexo feminino obtiveram uma média ligeiramente inferior à do sexo masculino.

Comparação com a escala de Gobineau e Perron

A equipa de Ajuriaguerra (1971) aplicou um teste semelhante, em França, elaborado pelos grafólogos franceses Gobineau e Perron (1954), sobre a velocidade da escrita, abrangendo as idades dos cinco anos e meio até aos onze e meio. Apresento a escala francesa para facilitar a comparação de algumas diferenças ou semelhanças verificadas entre a minha pesquisa e a destes grafólogos.

Idade (anos)	Rapazes		Meninas	
	Escrita Cuidada	Escrita Veloz	Escrita Cuidada	Escrita Veloz
5,5 — 6,5	14 (letras p/m)	-----	12(letras p/m)	-----
6,6 — 7,5	21	-----	28	-----
7,6 — 8,5	44	62	40	58
8,6 — 9,5	52	80	50	89
9,6 — 10,5	59	93	61	104
10,6 — 11,5	79	112	81	117

Escala de velocidade da escrita das crianças francesas feita pela equipa de Ajuriaguerra

A escala francesa inicia aos 5 anos 5 meses e termina aos 11 anos e 5 meses, enquanto a minha escala começa aos 6,6 e vai até aos 18 anos. Antes dos 6,6 anos as crianças portuguesas ainda não aprendem as todas as letras do alfabeto.

A equipa de Ajuriaguerra, até aos 7 anos e 5 meses, não apresenta a média da velocidade da escrita veloz, mas apenas a média da escrita cuidada. Eu notei que as crianças portuguesas, a partir dos 6,6 anos, já conseguem fazer mais letras por minutos quando se lhes pede para acelerarem do que quando escrevem normalmente. No final do 2º período (depois de terem aprendido todas as letras), as crianças portuguesas conseguiram fazer com facilidade uma frase (com 32 letras) por minuto, mesmo quando lhes pedi que fizessem uma escrita cuidada. As francesas com a mesma idade escreveram apenas 21 letras.

As meninas francesas com 7,6 e 8,5 anos alcançaram uma média de 58 letras, ao passo que as portuguesas, com 8 anos (média entre 7,6 e 8,5) obtiveram uma média de 84,9 letras por minuto. Mesmo somando as médias das crianças portuguesas femininas com 7 anos e meio, 8 anos e 8 e meio, teremos uma média de 85,1 letras por minuto, que é muito superior à média francesa.

Na escala francesa, rapazes, entre 9,6 e 10,5 de idade, conseguiram uma média de 93 letras por minuto, ao passo que as crianças portuguesas do mesmo sexo e com 10 anos da idade atingiram uma média de 113.

As Escalas por mim apresentadas neste trabalho são mais discriminativas do que a francesa, porque alargam o leque dos escalões, passando de anuais para semestrais e abrangendo mais anos de escolaridade.

Ambas as escalas (francesa e portuguesa) estão em sintonia num ponto: as meninas dos 8 anos e meio até aos 11,6 superam os rapazes em velocidade.

Poderíamos interrogar-nos sobre as causas desta discrepância de valores entre os dois países e adiantar algumas hipóteses explicativas: Um maior treino na escrita por parte das crianças portuguesas? Uma maior dificuldade dos caracteres franceses?

Entre crianças portuguesas observei algumas dissimetrias, especialmente nos primeiros anos de escolaridade: determinadas turmas conseguiram atingir um média muito mais alta do que outras do mesmo ano e da mesma idade. Causas possíveis: maior motivação dos alunos, diferente estrato social, mais exercitação na escrita por parte de alunos e de professores.

Rapidez e lentidão na escrita – tabela e sinais

A rapidez da escrita foi medida objectivamente por meio dum cronómetro. É fácil de afirmar que um aluno que faz menos letras do que outro, no mesmo espaço de tempo, é mais lento. No entanto, convém reparar na dimensão da escrita, pois um aluno pode fazer menos letras do que outro e escrever mais depressa do que ele. Se tivermos um escrevente que faça letras muito grandes e outro que as faça diminutas, o primeiro, apesar de escrever menos, poderá ter sido mais ágil, se o comprimento do fio de tinta saído da sua esferográfica for maior.

Nesta minha pesquisa não tive em consideração as diferenças de tamanho das letras por serem pouco significativas em relação ao número de casos verificados e por existirem outros géneros da escrita que também poderiam influenciar a rapidez ou lentidão, como a forma e o sentido do movimento.

Para os educadores, pais ou professores, proponho a utilização duma tabela com sete escalões, para a caracterização das escritas dos filhos ou alunos.

Escalões de velocidade	Variação relativa à média padrão	Tendências observáveis
Espasmódica	50 % abaixo da média	Pessimismo, vulnerabilidade, indecisão, ressentimento
Muito lenta	entre 35% a 49% abaixo da média	Observação, lentidão na aprendizagem, atenção dispersa, insegurança
Lenta	entre 21% e 34% abaixo da média	Tranquilidade, precisão, pouca vivacidade, cansaço
Regular	20% abaixo ou acima da média	Espontaneidade, autonomia, boa capacidade comunicação, continuidade de pensamento
Rápida	entre 21% e 34% acima da média	Agilidade mental, criatividade, originalidade, dinamismo
Muito rápida	entre 35% e 49% acima da média	Rapidez mental e de acção, sensibilidade, flexibilidade, capacidade de resistência
Precipitada	acima de 50% acima da média	Vivacidade, curiosidade, impulsividade, irreflexão

Tabela com 7 escalões da velocidade da escrita

Tendo em consideração que a escrita varia de umas vezes para as outras, o escrevente pode alterar ligeiramente o número de letras por minuto, optei por criar apenas sete escalões de velocidade.

A distribuição baseia-se em percentagens e não em dados numéricos preestabelecidos, porque tem um significado muito diferente conseguir fazer, por exemplo, mais dez letras acima da média aos sete anos de idade ou fazê-las na idade de doze anos.

A distribuição em sete escalões também facilita a leitura interpretativa das possíveis tendências dos alunos, tendo sempre em atenção que é de evitar qualquer tipo de interpretação rígida e descontextualizada.

Seguindo a indicação de grande parte dos grafólogos clássicos, illustrei cada um dos escalões com quatro características que lhes costumam estar associadas. Mas recordo que estas não são exclusivas, nem esgotam o leque interpretativo.

Lembremo-nos que a personalidade humana é complexa e está sempre em evolução, especialmente na fase de desenvolvimento, sendo de evitar juízos de valor e tendo presente que apreciamos escritas e não escritores.

Além da cronometragem realizada para medir velocidade da escrita de modo objectivo, existem certos sinais, identificados por alguns diversos autores, que também nos fornecem pistas para distinguir uma escrita rápida duma mais lenta. Os principais sinais são referidos na grelha abaixo.

Sinais de velocidade e de lentidão da escrita

Sinais de maior pressão angulosa	Sinais de menor pressão arredondada ou simplificada	ornamen	estrita	desligad	inclinada para a direita	linha de base acentuação	com rasuras sinistrogli	barra do t precisa
Sinais de maior pressão angulosa	Sinais de menor pressão arredondada ou simplificada	ornamen	estrita	desligad	inclinada para a direita	linha de base acentuação	com rasuras sinistrogli	barra do t precisa

Conclusão

A velocidade de escrita aumentou gradualmente em ambos os sexos, dos 6,6 aos 18 anos, tanto nos testes da versão cuidada como nos da versão rápida. Da primeira versão não apresentei os resultados estatísticos, porque tal não era o objectivo deste trabalho.

O teste de velocidade da escrita cuidada serviu para poder comparar a quantidade de letras conseguidas em cada caso e observar a capacidade de aceleração do ritmo de escrita de cada aluno. Houve alguns casos, apesar de raros, em que fizeram menos letras à velocidade máxima do que à velocidade normal (escrita cuidada).

Os professores dos vários níveis de ensino manifestaram-se muito receptivos a este projecto, facilitando e mesmo apoiando a realização dos testes. Alguns solicitaram que num próximo ano lectivo voltasse a repeti-los, para verificarem se houve evolução na escrita por parte dos seus alunos.

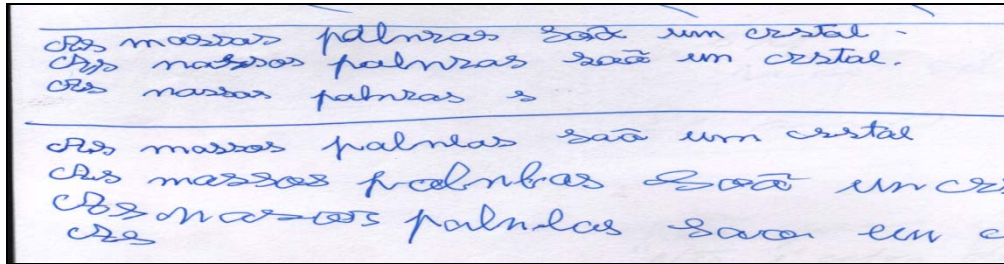
Muitas crianças sentiram-se valorizados ao percepcionarem que alguém, mesmo não sendo seu professor, se interessava pela sua escrita – actividade que o pode conduzir ao insucesso ou fomentar o sucesso.

Os professores têm aqui mais um instrumento que lhes pode facilitar a verificação do progresso ou do retrocesso dos seus alunos e permitir a prevenção de futuros conflitos internos.

Cheguei à conclusão que, no âmbito educativo, a intervenção do grafólogo na escola e a sensibilização por parte dos educadores para os problemas da escrita (ou que a escrita desenterra) podem constituir um meio importante para levantar o nível de ensino/aprendizagem no nosso país.

As crianças entusiasmavam-se com a realização do teste da escrita veloz. E notei que algumas, mesmo durante o teste de escrita cuidada, já procuraram acelerar o ritmo. Outras, mais ansiosas, quando lhes pedi que escrevessem muito depressa, agitaram-se tanto que perderam velocidade.

Perante uma criança com uma escrita espasmódica ou muito lenta para a sua idade e ano de escolaridade, não é preciso fazer de conta nem mentir-lhe, mas encorajá-la a iniciar exercícios de reeducação para desenvolver as suas potencialidades gráficas.



Escrita lenta, aluno do 5º ano, 12 anos, velocidade máxima de 78 letras por minuto, com problemas de dislexia e de disgrafia

Por vezes, apareceram-me crianças disgráficas que se consideram um pouco atrasadas mentais por causa das dificuldades na escrita e não estavam motivadas para a reeducação. Nestes casos, é também necessária a intervenção do psicólogo.

Com crianças é importante valorizar não apenas a velocidade, mas também a forma e legibilidade das letras. Elas, muitas vezes, preferem escrever menos e fazer uma letra mais bem feita, porque escrever mal é faltar ao cumprimento das normas prescritas pelo professor e pelo sistema de ensino.

Os adultos instruídos e os estudantes do ensino superior poderão ter como referência para a avaliação da velocidade da sua escrita as médias conseguidas pelos alunos de 18 anos e do 12.º ano de escolaridade.

Projectos para o futuro

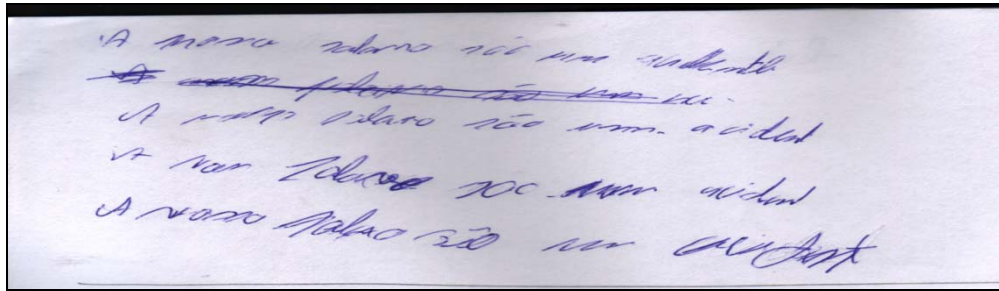
Esta pesquisa será tanto mais acreditada quanto mais representativa for da população escolar portuguesa. Para que tal aconteça serão realizados testes em escolas doutros pontos do país.

Apesar da amostragem ser significativa, especialmente nalguns anos de escolaridade, um maior número de casos testados poderá tornar os resultados ainda mais representativos.

Das conclusões deste trabalho será dado conhecimento ao Ministério da Educação, a fim de se poder retirar alguma possível aplicabilidade didáctico-pedagógica.

Numa próxima oportunidade, farei uma leitura comparativa dos resultados do teste de velocidade da escrita com o teste de velocidade de leitura (experiência feita em duas turmas do 5º e 6º anos de escolaridade). O principal objectivo desta experiência será verificar se os alunos mais rápidos na expressão escrita o são também na expressão oral.

Como trabalho de campo, tenho intenção de ir ao encontro, na escola – se me for dada essa oportunidade – dum ou doutro caso de alunos que mais se destacaram positiva ou negativamente, aquando da realização do teste.



Escrita lenta, 5º ano, 12 anos e 6 meses, velocidade máxima de 78 letras por minuto, problemas visuais

Quando uma criança apresentar grande deficit de velocidade da escrita para a sua idade ou ano de escolaridade, não é preciso mentir-lhe, nem camuflar o problema, mas encorajá-la a iniciar exercícios de reeducação.

Bibliografia

PULVER, M., Le symbolisme de l'écriture, Stock-Plus, Paris, 1981 (trad. do orig. alemão Symbolik Der Handschrift, Zurich, 1961, por Marguerite Schmid e Maurice Delamain).

MORETTI, G., Trattato di grafologia, intelligenza - sentimenti, Edizioni messagero, XV edizione, Padova, 2006.

CRÉPIEUX-JAMIN, J, ABC de la graphologie, Puf, Paris, 1997.

PEUGEOT, J., La connaissance de l'enfant par l'écriture, L'approche graphologique de l'enfant et de ses difficultés, Privat, Paris, 1984.

LENA, S., L'attività grafica in età evolutiva, esame, ricerca, prospettive, Libreria G. Moretti Editric, Urbino 1999.

VELS, A., Grafología de la "A" a la "Z", Herder, 1.ª Edição, Barcelona, 2000.